

COISA MAIS LINDA: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL DAS MULHERES EM MARCHA DESDE A DÉCADA DE 50

Zailana Ricale de Souza Silva ¹
Juan dos Santos Silva ²

INTRODUÇÃO

Para entender o lugar da mulher na sociedade, tanto na antiguidade quanto nos dias atuais, há de se percorrer e conhecer a história da mulher, entendendo a formação de sua identidade, de seus grupos sociais, e principalmente seu posicionamento no contexto familiar (SILVA *et al.*, 2005).

Para Silva *et al.* (2005), uma das formas de se entender o lugar da mulher na sociedade é conhecendo a relação afetiva que esta estabelece com seus pares (companheiro, filho(s) e familiares), compreender a construção de sua sexualidade ao longo da história e o que perpassa no seu imaginário em relação ao companheiro escolhido.

A explosão do feminismo, considerado um dos movimentos mais importantes do século XX, embalado pelo “caos” revolucionário do momento, foi um marco importante no final dos anos 50 e início dos anos 60. As mulheres deixaram seus papéis de coadjuvantes para assumirem seus lugares no elenco principal. Entretanto, essa luta não foi fácil. O atraso da mulher em relação ao homem, enquanto cidadã, está comprovado nos relatos históricos (VARGAS; BENCHIMOL; UMBACH, 2014).

De maneira geral, nas mais diversas sociedades e em diferentes épocas, muitas mulheres incorporaram a ideia da obediência cega aos seus pais e maridos. Aprenderam com suas mães que deveriam ser passivas e cordatas. Muitas delas até se conformaram com esse pensamento, havendo pouca participação feminina em alguns segmentos, como os sociais e científicos.

Dentro desse contexto, o conhecimento por distintos momentos da história, onde as mulheres desempenharam diferentes papéis e eram vistas sob ângulos igualmente diferenciados, nos possibilita a análise da série *Coisa mais linda*: o espaço da mulher em uma sociedade patriarcal é tema de reflexão a partir dos dramas das personagens, e cada uma delas convive com alguma questão relacionada ao feminismo. Maria Luíza, por exemplo, escolhe o caminho da independência em uma época em que a maioria das mulheres ainda saía da casa dos pais direto para o lar que manteria com o marido. Além disso, a série, especialmente através de Adélia, discute, ainda, o racismo no Brasil, lugar onde “ninguém é racista”, mas que ainda pensa que uma mulher negra só pode ser empregada de uma branca, quando elas são vistas juntas.

Objetiva-se, portanto, através desse trabalho, discutir a construção da identidade e do espaço social da mulher em um cenário machista integrado na série *Coisa mais linda*, e realizar um paralelo com situações ainda vividas na contemporaneidade brasileira.

METODOLOGIA

¹ Aluna do curso Técnico Integrado em Alimentos (IFRN), zailanaricale@outlook.com;

² Professor orientador: Mestrando em Linguística Aplicada (UFRN), juan.silva@ifrn.edu.br.

O exposto trabalho está inserido na área de Linguística Aplicada e utiliza-se a pesquisa de natureza qualitativa, como forma de estudar e compreender a construção do espaço social das mulheres desde os anos 50, tendo um cenário representado na série *Coisa mais linda*, frente às perspectivas de lugar social desenvolvidas por Silva e colaboradores, além das teorias Bakhtinianas, onde Bakhtin, nas concepção de linguagem, constrói sua teoria dialógica, entendida como elemento que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem, promovendo um diálogo permanente entre os diversos discursos que configuram uma sociedade, uma cultura e uma comunidade, e como fator representativo das relações discursivas estabelecidas entre o eu e o outro, aquele com quem o sujeito interage diretamente no processo de interlocução, em contextos historicamente situados.

Nessa perspectiva, deseja-se realizar esse trabalho a partir da série *Coisa mais linda*, assistida por meio de audiovisual, e leitura de artigos de base histórica sobre o feminismo e situação das mulheres na década de 50 e 60. Serão levantadas problemáticas que cativem uma análise da série e, posteriormente, um paralelo entre as situações ainda vividas pelas mulheres na conjuntura contemporânea brasileira.

DESENVOLVIMENTO

As questões acerca das identidades sociais vêm sendo cada vez mais investigadas por diversos pesquisadores das mais variadas áreas de estudo, os quais são concordes em afirmar que as identidades sociais se constroem e reconstroem no contato com o outro, em meio à diferença e por intermédio da linguagem (CARDOSO & SOUSA, 2012).

O interesse de Bakhtin pelas identidades sociais resultou das mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, em seus diversos setores, dentre eles: na ciência, nos padrões éticos/morais, na política e no sistema econômico e demais, que refletiram nas formas interativas de sociabilidade entre os mais variados grupos sociais (BAKHTIN, 1997).

Nesse contexto, os conceitos de mulher e homem são construções históricas e, até o começo do século XX, informações sobre as mulheres eram obtidas, sobretudo, no espaço doméstico, através de cartas e diários, inclusive, sabe-se que muitos foram destruídos pelas próprias mulheres, geralmente casadas, para se adequarem aos padrões sócio-culturais do silêncio e quietude femininos (CAIXETA & BARBATO, 2004).

Dessa forma, as atuações feministas passaram a se tornar comuns na década de 60, e desde há muito tempo faziam parte das discussões de alguns grupos minoritários de mulheres. Porém, o movimento não começou por acaso, de acordo com Diniz (2009).

A obra “O Segundo Sexo”, escrito pela francesa Simone de Beauvoir, em 1949, foi um dos livros que se tornou referência para o movimento feminista. Esta autora apontava para as raízes culturais da desigualdade entre os sexos, denunciando a existência de uma categoria negativa à qual as mulheres estariam atreladas. Considerava que elas estariam sujeitas ao homem por inúmeras tramas: por sua condição biológica, pelo trabalho, pelos interesses econômicos e pela condição social (DINIZ, 2009, p. 1543).

Assim, no clima contestatório da década de 1960, diversos grupos que clamavam por mudanças foram encontrando brechas para seus questionamentos. Reforçava-se o movimento das feministas nos Estados Unidos e na Europa, com repercussões no Brasil (SILVA *et al.*, 2005).

Desse modo, ao relacionar fatos históricos com a série, percebe-se que, naquela época machista, pelo fato de serem mulheres, as personagens passaram por muitas coisas que ainda hoje podemos observar na nossa realidade, mas talvez não de forma tão escancarada. Malu não consegue um empréstimo no banco, Lígia não pode ter emprego, pois seu marido não

aceita e a situação é ainda pior com Adélia, que por ser negra, acaba sendo sempre vista como serviçal — até mesmo por suas companheiras, fazendo-nos perceber que as mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.

Logo, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo (GOES & NASCIMENTO, 2013).

De acordo com Carneiro (2011), o racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira.

RESULTADOS ESPERADOS E DISCUSSÃO

Após a realização da análise, deseja-se estabelecer um paralelo entre a década de 50/60 com as situações passadas por muitas mulheres no Brasil contemporâneo. A série retrata o ano de 1959, mas, em que pese todas as mudanças, muitos aspectos retratados são tangíveis até hoje, exatos 60 anos depois.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pouca coisa mudou para as mulheres em mais de meia década, dessa forma, é importante que se façam análises sob representações de décadas passadas para que essas mudanças fiquem mais evidentes. A série de alma feminista, produzida pela Netflix, conta uma história atemporal da busca por igualdade de direitos das mulheres. Percebe-se que, nos dias atuais, muitas mulheres conseguem se livrar de existências subjugadas e tornam-se multiplicadoras dos auspícios da liberdade, mas infelizmente, 60 anos depois, ainda carecemos disso em um grau não desprezível. A série é especial para atingir um público não familiarizado com essas reflexões e sem uma dimensão clara do que vem a ser a construção das mudanças sociais para as mulheres, em marcha desde aquela época.

Palavras-chave: Série, Coisa Mais Linda, Espaço da mulher, Feminismo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2ª ed., Trad. M. E. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CAIXETA, Juliana Eugênia; BARBATO, Silvine. Identidade feminina: um conceito complexo. **Paidéia (ribeirão Preto)**, [s.l.], v. 14, n. 28, p.211-220, ago. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-863x2004000200010>.

CARDOSO, Cássia Eugênia; SOUSA, Avanete Pereira. A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA DA LINGUAGEM. **Revista de Letras**, v. 4, n. 2, p.147-160, dez. 2012.

CARNEIRO, Sueli. **ENEGRECER O FEMINISMO: A SITUAÇÃO DA MULHER NEGRA NA AMÉRICA LATINA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO.** mar. 2011

DINIZ, Carmen Regina Bauer. MOVIMENTOS FEMINISTAS DA DÉCADA DE SESSENTA E SUAS MANIFESTAÇÕES NA ARTE CONTEMPORÂNEA. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS TRANSVERSALIDADES NAS ARTES VISUAIS, p. 1541 - 1555. Salvador, 2009.

GOES, Emanuelle Freitas; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. Mulheres negras e brancas e os níveis de acesso aos serviços preventivos de saúde: uma análise sobre as desigualdades. **Saúde em Debate**, [s.l.], v. 37, n. 99, p.571-579, dez. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-11042013000400004>.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da et al. A MULHER E SUA POSIÇÃO NA SOCIEDADE DA ANTIGUIDADE AOS DIAS ATUAIS. **Revista da Sbph**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.65-76, dez. 2005.

VARGAS, Andrea Quilian de; BENCHIMOL, Ana Paula Fogaça; UMBACH, Rosani Ketzer. A MULHER NOS ANOS 60: FRÁGIL OU SUBVERSIVA? **Literatura e Autoritarismo**, v. 1, n. 24, p.81-92, dez. 2014.